

SAÚDE ■ Secretário alega que é preciso um plano antes de contratar

Falta de pessoal leva vigilante a fazer triagem em hospital

Alessandra Flach

As duas audiências públicas sobre saúde que aconteceram na Câmara Legislativa nos últimos dias têm revelado problemas graves no setor. Distritais petistas denunciaram ao secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, que vigilantes têm ficado responsáveis pela triagem de pacientes em postos de saúde e farmácias da rede pública. A falta de pessoal nos órgãos e o excesso de pessoas nas filas acabou gerando a necessidade da triagem, que deveria ser feita por agentes especializados.

— As vagas de servidores importantes ainda estão desocupadas e isso prejudica a população. É inadmissível, por exemplo, que vigilantes façam o papel de responsáveis pela triagem nos postos de saúde — criticou o vice-presidente da Casa, deputado Paulo Tadeu (PT). — Se a sociedade está pressionando o secretário, é com razão, porque a saúde está um caos.

Na farmácia de alto custo, no Hospital de Base, a situação pode ser conferida a qualquer hora do dia. Os doentes e parentes de pacientes que tentam receber os medicamentos precisam, antes, explicar a um vigia se já estão com toda a documentação. O vigilante organiza uma fila, chama os pacientes na ordem que considera a correta e, muitas vezes, trata os doentes com descaso e falta de respeito.

— Fui e voltei duas vezes já, ele disse pra eu não me preocu-

par que ia me chamar, quando não chamou eu fui reclamar e ele me mandou sentar e esperar — reclamou a dona de casa Fernanda Silva, que tentava conseguir remédios para os pais.

O servidor, que se recusou a dar nome ou informar à qual empresa de vigilância pertence, apenas disse que faz o serviço para ajudar as atendentes.

— Se eu não fizer, isso aqui irá uma zona. Você ia ter muito mais do que reclamar — ironizou.

Nos hospitais, a situação é ainda mais complicada. Os pacientes chegam muitas vezes sem saber qual especialidade médica procurar e, sem ninguém para recepcioná-los, acaba ficando para o vigilante o papel de encaminhar os pacientes. Nesse caso, a triagem vira rotina para o funcionário que pergunta o que os doentes estão sentindo e indica o local onde deve buscar ajuda. José Geraldo Maciel reconheceu o problema e admitiu a necessidade de construir um sistema de triagem mais humanizado.

— Antes do governador José Roberto Arruda ir à Colômbia discutir a segurança pública, falamos com ele da necessidade de humanizar a recepção dos pacientes nos hospitais e sabemos que o atendimento não deve ser feito por vigilantes, mas por profissionais preparados — reconheceu Maciel. — Mas também não podemos contratar sem um plano específico, porque muita gente contratada pode até atrapalhar.